A cobertura internacional do Jornal Nacional: Efeitos de proximidade e os fatos "a partir de uma perspectiva brasileira"[1]

Ana Carolina Vanderlei CAVALCANTI[2]
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB
Faculdades Integradas Barros Melo (Aeso), Olinda, PE

Thiago Soares[3]
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB

Resumo

A cobertura internacional feita pelo Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, traz à tona um questionamento de ordem discursiva: trata-se da tentativa de apresentar fatos jornalísticos ocorridos no exterior "a partir de uma perspectiva brasileira". Questionamos, neste artigo, o que seria esta "perspectiva brasileira" da cobertura internacional do JN e esboçamos pistas metodológicas sobre os chamados "efeitos de proximidade" das notícias nos contextos internacionais. Discutimos o papel dos correspondentes e enviados especiais, além de conceitos sobre o jornalismo internacional e o trabalho dos correspondentes no exterior.

Palavras-chaves: Jornal Nacional; presença; proximidade; jornalismo internacional; correspondente internacional.

A presença de correspondentes internacionais em telejornais pode ser compreendida como a forma de uma emissora estar mais próxima do fato a ser reportado, mas também, como uma legitimação em torno do universo de práticas cotidianas do fazer jornalístico. Em outras palavras: manter correspondentes em "praças" internacionais proporciona tanto um incremento no suposto contrato discursivo da emissora em traduzir de maneira mais tangível fatos ocorridos em contextos distantes de suas sedes quanto aponta para uma lógica de poder e legitimação em relação à concorrência. Dispor de correspondentes ou de escritórios em contextos internacionais envolvem (altos) custos, dinâmicas peculiares das rotinas produtivas da informação e formas específicas de inserção destes conteúdos nos telejornais. Há, portanto, uma forte premissa ligada a lugares de poder e hegemonia ocupados por emissoras detentoras de vasto "arsenal" de correspondentes mundo afora.

A função de correspondente internacional é considerada a mais nobre e "cara" de todas as exercidas pelos jornalistas. Dá prestígio e credibilidade ao veículo e ajuda no pacto de credibilidade jornalística. Os jornais *New York Times* e o *Wall Street Journal* são bons

[1] Trabalho apresentado no DT 1 - GP Telejornalismo do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, de 04 a 07 de setembro de 2013.
[2] Professora das Faculdades Integradas Barros Melo (Aeso) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: acarovc@gmail.com.
[3] Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: thikos@gmail.com.

exemplos desta distinção gerada em função do uso de correspondentes internacionais. Segundo Hamilton e Jenner (2002), ambos não conseguiriam manter seus leitores nem o seu prestígio se não tivessem um grupo razoável de correspondentes trabalhando em tempo integral no exterior. Obviamente, os autores estão se referindo a veículos com públicos específicos e orientações editoriais em que o noticiário internacional integra a centralidade na hierarquização dos conteúdos. Em síntese: jornais "menores", locais, com alcance regional, por exemplo, não terão a mesma demanda por manter correspondentes internacionais como o *New York Times* e o *Wall Street Journal* possuem.

Quando se fala em "correspondentes internacionais", evocam-se noções de "grandes investimentos" (ou gastos) na operacionalização da rotina jornalística, acarretando em ingerências na "saúde financeira" do mercado de comunicação e das empresas. A tendência de jornais e emissoras de televisão, desde 2002, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, tem sido a de reduzir os postos de correspondência no exterior (ESPERIDIÃO, 2011b). No Brasil, "constata-se um movimento oposto nas duas principais emissoras abertas do país, Globo e Record, que, com equipamentos menores, como 'kit-correspondente', e transmissões de baixo custo, aumentaram e descentralizaram suas bases no exterior" (ESPERIDIÃO, 2011b, p.106).

O artigo que aqui apresentamos visa debater a questão dos correspondentes internacionais a partir de duas frentes: a primeira, indicando os "efeitos de proximidade" (FONTCUBIERTA e BORRAT, 2006) gerados a partir dos usos dos materiais de agências de notícia pelos escritórios internacionais da Rede Globo; e a segunda, questionando o que o editor-geral do Jornal Nacional (JN), William Bonner, chama de cobertura internacional "a partir de uma perspectiva brasileira". A hipótese delimitada nesta investigação é de que a noção de presença é um importante articulador em torno das formas de fruição de um senso de crença e verdade no pacto do jornalismo internacional.

Precisamos, primeiramente, debater questões acerca das definições em torno dos correspondentes internacionais para, em seguida, adentrarmos nas lógicas analíticas em torno da Rede Globo e do Jornal Nacional.

Ser correspondente internacional é um "prêmio"?

Entendemos como correspondente internacional, o profissional que mora por um período indeterminado em outro país, a serviço de um veículo de imprensa. Fazemos aqui

uma diferenciação, por exemplo, entre correspondente e enviado especial. O enviado especial, apesar de também representar um veículo, é designado, pontualmente, para cobrir determinados fatos ou eventos e retorna ao seu local de origem ao final da pauta. O correspondente, no entanto, também se torna um enviado especial ao ser deslocado do país ou da região onde está sediado, para trabalhar em alguma cobertura específica, longe de seu ambiente habitual.

Os telejornais da Rede Globo sempre anunciam seus profissionais no exterior antes da exibição de cada reportagem ou de entradas ao vivo como "os nossos correspondentes", referindo-se ao repórter e ao repórter cinematográfico, em Londres, Nova Iorque, Roma etc. Além disso, não deixam de "avisar" quando o correspondente vira um enviado especial em locais onde a emissora não tem jornalistas fixos ou precisa de reforço (no caso de eleições importantes ou de grandes tragédias). Acreditamos que, dessa maneira, o telejornal tenta atestar a credibilidade de sua cobertura, uma vez que investiu em profissionais próprios com a finalidade de reportar os fatos para os seus telespectadores.

A correspondência internacional exige de quem se propõe a praticá-la. Segundo Silva (2011), "ao contrário do que a maioria das pessoas possa supor, esse trabalho aparentemente sem rotina também se transforma numa rotina, que pode ser massacrante, já que o correspondente estrangeiro não tem tema fixo nem descanso" (SILVA, 2011, p. 13). O autor lembra que, para muitos, inclusive profissionais, o trabalho do correspondente internacional é visto como um prêmio (senão uma "sinecura") e até o fato de morar em outro país também é tido como um "privilégio" que compensaria qualquer eventual sacrifício[4]. Em termos, essa é a visão, por exemplo, do jornalista Fritz Utzeri, correspondente do *Jornal do Brasil* na década de 1980 nos Estados Unidos e na França, para quem não existe posição melhor no jornalismo que a de correspondente. A função, segundo Utzeri, é equivalente a uma promoção dentro da carreira de repórter (UTZERI apud AGNEZ, 2012).

Pesquisa[5] feita por Stephen Hess, em 1992, com correspondentes norte-americanos que trabalham no exterior como correspondentes, corrobora com essas ideias. Ao traçar um perfil dos jornalistas que se dedicavam à atividade, o pesquisador concluiu que eles são a "elite da elite" da imprensa.

[4] Pelo menos na Rede Globo, os profissionais designados a trabalhar como correspondentes no exterior são aqueles que se destacam no eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Brasília, o que interpretamos, sim, como um "prêmio" ou reconhecimento por parte da emissora.
[5] Silva (2011) desconhece se algum levantamento semelhante já foi feito no Brasil.

> por serem poucos dentro de um grupo maior já considerado como elite (os jornalistas), terem educação formal e salários superiores aos de seus colegas, usufruírem de um estilo de vida que os leva a ter contato frequente com gente de muita fama e poder, desfrutarem de uma autonomia maior do que a da maioria dos demais jornalistas e, por tudo isso, terem a oportunidade de eles próprios se sobressaírem socialmente (HESS apud SILVA, 2011, p.54).

Sobre a questão do salário, a afirmação de Hess nos remete, inevitavelmente, a uma declaração de Luiz Carlos Azenha, ex-correspondente da Rede Globo em Nova Iorque, que escreveu em seu blog Viomundo o que todos somos capazes de imaginar, mas que dificilmente temos a chance de comprovar: na função que exercia, o seu salário era de alto executivo[6]. Alto salário e prestígio não são sinônimos de pouco trabalho e muito glamour. O correspondente até pode ser um profissional com mais autonomia (mais "livre") para trabalhar, nos termos defendidos por Utzeri. Porém, essa liberdade traz consigo maior responsabilidade e disciplina nas dinâmicas de apuração (UTZERI apud AGNEZ, 2012).

Lembramos uma situação vivenciada, em outubro de 2003, quando tivemos a oportunidade de conhecer o escritório da Rede Globo em Londres e de acompanhar a equipe do jornalista Caco Barcellos e do cinegrafista Paulo Pimentel em uma pauta na região central da cidade, mais precisamente uma coletiva de imprensa organizada pela *Control Arms*, uma organização internacional sem fins lucrativos, no hotel *Charing Cross*. O que chamou nossa atenção foi o fato de não haver uma UPJ (Unidade Portátil de Jornalismo) e consequentemente, um *upjoteiro*[7] fazendo parte da equipe. Ou seja, o escritório não tinha um carro próprio tampouco um motorista-assistente. Caco Barcellos já saiu carregando o tripé, que, no Brasil, não é papel normalmente desempenhado pelo repórter, enquanto o cinegrafista levava a câmera e uma mochila carregada com o restante do material. O trajeto foi feito num táxi e, chegando ao local da conferência, encontramos Silio Boccanera, correspondente da Globo News e veterano em coberturas internacionais pela Rede Globo, que havia usado o transporte público para se juntar aos demais e acompanhar a coletiva. Na saída do hotel em direção à *Trafalgar Square*, onde a matéria

[6] Luiz Carlos Azenha trabalhou na Rede Globo até 2006, quando pediu recisão de seu contrato por, segundo ele, discordar da linha editorial da emissora na cobertura das eleições presidenciais daquele ano. Depois disso, entrou numa disputa judicial com Ali Kamel, atualmente diretor geral de Jornalismo da Rede Globo, que o acusa de ter promovido uma campanha difamatória contra ele. Azenha passou um ano fora do mercado, por causa de seu contrato com a Globo e, depois, ingressou na Rede Record. Disponível em: http://www.viomundo.com.br/denuncias/globo-consegue-o-que-a-ditadura-nao-conseguiu-extincao-da-imprensa-alternativa.html Acesso em: 30/03/2013

[7] Jargão jornalístico utilizado para definir o profissional que trabalha como motorista da Unidade Portátil de Jornalismo (UPJ) e assistente do repórter cinematográfico.

continuaria, a cena se repetia: Paulo Pimentel na frente, com a câmera e a mochila e Caco, atrás, levando consigo, mais uma vez, o tripé.

Carregar o tripé, no entanto, está longe de ser o único "peso" no caminho de um correspondente. Ele precisa "dominar perfeitamente pelo menos outra língua além da materna, por exemplo. E tem de compreender a fundo o sistema político, econômico, social e cultural tanto da nação que o hospeda quanto da sua" (SILVA, 2011, p.11). Aí que entra um dos maiores desafios: o da "tradução", que não se restringe apenas a questão da língua estrangeira.

> Ele *[o correspondente]* tem que traduzir a realidade do país em que está e fazer o máximo possível de comparações que permitam às pessoas identificar o que está acontecendo com os referenciais que estão acostumadas a usar aqui em casa. O correspondente não pode, de maneira alguma, perder o contato com o seu país (UTZERI apud SILVA, 2011, p.37).

Sobre o contato com as origens e o período de permanência dos correspondentes no exterior, parece haver certa tendência em se acreditar que o ideal é o profissional não ficar tempo demais fora de seu país, para não correr o risco de perder a "perspectiva nacional" sobre os fatos que reporta e virar um "nativo" em terra estrangeira. E isso valeria para qualquer nacionalidade (HAMILTON; JENNER, 2002; SILVA, 2011). Mas, qual seria o tempo ideal de permanência de um correspondente no exterior?

> Um ano é o período mínimo para alguém basicamente se instalar num país que lhe é novo e adquirir algum senso dele. Após dois anos de trabalho, o jornalista começa a ganhar a confiança de fontes que lhe são significativas. O traquejo com as instituições somente passa a contar no terceiro ano. O trabalho só rende mesmo em quatro ou cinco anos, que é o "mandato" padrão do New York Times, por exemplo (SILVA, 2011, p.42).

Ressaltamos, no entanto, que apesar de grande parte dos veículos, inclusive a Rede Globo, apostar em certo "prazo" de permanência de um correspondente em um mesmo país no exterior, alguns, como Sílio Boccanera e Luís Fernando Silva Pinto[8], fazem da morada temporária residência fixa e acabam construindo uma trajetória profissional em que se tornam referência em assuntos relacionados àquele país ou região.

[8] O jornalista Luís Fernando Silva Pinto trabalhou em coberturas internacionais da Rede Globo do final da década de 1970 até 1990. Retomou o trabalho como correspondente na cobertura dos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos. Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-259079,00.html
Acesso em: 21/04/2013.

Debater o jornalismo praticado em âmbito internacional significa perceber nuances editoriais nos conteúdos expostos. Há autores como Natali (2004) que defendem o jornalismo internacional como quase uma extensão predominante das lógicas da editoria de Política. Outros, como Britto (2004) apontam para a generalização editorial. Acreditamos que política internacional é apenas um dos muitos temas abarcados pela editoria. Nesse sentido, o trabalho "generalista" de parte dos profissionais que atua em televisão e rádio no Brasil vira realidade também para os jornalistas de jornais e revistas quando fora do país (mais acostumados com o "privilégio" de serem setoristas[9]). "Essa generalidade é, então, umas das marcas do profissional que exerce a função de correspondente" (AGNEZ, 2012, p.3). Carlos Eduardo Lins da Silva contextualiza bem essa questão, a partir de sua experiência nos Estados Unidos como correspondente internacional.

> Naqueles anos nos EUA, cobri desde eventos diplomáticos históricos (como o encontro de Yasser Arafat com Yitzhak Rabin mediado por Bill Clinton na Casa Branca) a crimes hediondos (como o caso de O. J. Simpson), entrevistei grandes intelectuais como Jorge Luis Borges e Carlos Fuentes, e vítimas de pequenas grandes tragédias, como os pais de uma brasileira morta em acidente de trânsito em Washington provocado por um diplomata georgiano embriagado. Escrevi sobre negociações de acordos comerciais, jogos de copa do mundo de futebol, artistas de cinema, grupos de rock, exposições de artes plásticas, descoberta de planetas, eleições presidenciais, visitas de prefeitos, governadores e presidentes brasileiros a Washington. Entrevistei mais ou menos 60 chefes de Estado ou governo (SILVA, 2011, p.12-13).

Em guerras, correspondente ou enviado?

Correspondente de guerra "é o jornalista que se atreve a tudo, arriscando a própria vida para fazer a cobertura das notícias na frente de batalha", segundo Heródoto Barbeiro[10]. Para Silva, apesar de o profissional ser enviado para cobrir eventos específicos, neste caso, guerras, ele "permanece em campo, em geral, por períodos longos" (SILVA, 2011, p.15) e, por isso, deve ser visto como um correspondente. E completa: a correspondência de guerra é a mais celebrada entre as atividades dos correspondentes internacionais. Justamente por isso, talvez, Pena (2005) complete essa afirmação, dizendo que também "tende a ser

[9] Consideramos como setoristas os jornalistas que em suas rotinas produtivas dedicam-se a cobrir áreas específicas como, por exemplo, economia, política, esportes etc.
[10] Foi assim que Heródoto Barbeiro definiu a função ao fazer a abertura de uma entrevista do veterano correspondente de guerras americano, Peter Arnett, autor do livro Ao vivo do campo de batalha, ao programa Roda Viva. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/439/entrevistados/peter_arnett_1994.htm Acesso em 01/05/2013

encarada com alta dose de romantismo. Os riscos inerentes a ela acabam ofuscados por suas representações midiáticas, que são glamourizadas e estereotipadas" (PENA, 2005, p.188). Pelo menos numa perspectiva mais "tradicional" do jornalismo, ser correspondente de guerra (assim como ser correspondente internacional ou enviado especial) é resultado de um amadurecimento do profissional.

> O primeiro requisito para exercer a função é ter uma ampla experiência em redação, e, com ela, você aprende que o convite só virá como consequência de um brilhante trabalho no dia-a-dia da profissão. Em seguida, tenha em mente que todos os jornalistas de veículos responsáveis passam por um longo treinamento antes de irem para o *front*. E o treinamento não é só jornalístico: inclui técnicas de sobrevivência e até manuais de guerrilha (PENA, 2005, p.189).

Para contribuir para a segurança dos profissionais na função de correspondente internacional ou de guerra, o Comitê de Proteção aos Jornalistas (Committee to Protect Journalits, CPJ) desenvolveu um guia[11] com orientações que vão da obtenção de credenciais de imprensa e proteção de informações, a coberturas em áreas de conflito armado, desastres naturais, manifestações populares, cenários de atentados terroristas, epidemias, crime organizado etc. Nesse material, também é possível encontrar várias empresas internacionais que oferecem treinamentos para jornalistas, além de uma apresentação que ressalta o fato de o mundo estar se tornando um lugar cada vez mais perigoso para os profissionais da imprensa. A BBC, por exemplo, leva muito a sério esses cuidados e nenhum repórter (contratado ou *freelancer*) é enviado para cobrir um protesto, por mais simples que possa parecer, por exemplo, se não tiver se submetido aos treinamentos[12] determinados pela corporação.

Esses cuidados nos remetem a outra visita feita ao escritório da Rede Globo em Londres, depois de termos acompanhado a equipe de Caco Barcellos e Paulo Pimentel, em outubro de 2003. Era janeiro de 2004, voltávamos, na ocasião, para conhecer Marcos Uchoa, que, na época, além de correspondente era também chefe do escritório da emissora. Muito gentilmente, Uchoa interrompeu a leitura que fazia (a mesa dele estava tomada por jornais britânicos) para falar de sua rotina de trabalho. Como havia retornado há poucos dias do Iraque, fez questão de mostrar todos os equipamentos de proteção que ele e o

[11] Disponível em: https://cpj.org/reports/2012/04/journalist-security-guide.php Acesso em: 30/03/2013
[12] Disponível em: http://downloads.bbc.co.uk/mundo/pdf/safety-journalism_safety_guide_second_edition-v1.pdf Acesso em: 01/05/2013

correspondente Sérgio Gilz haviam usado enquanto trabalhavam por lá: coletes e capacetes pesadíssimos, todos identificados com o nome *press* (imprensa em inglês). De acordo com informações disponibilizadas pelo Memória Globo na internet[13], por sugestão de Carlos Henrique Schroder, então diretor da Central Globo de Jornalismo, antes de embarcarem para o Iraque, Uchoa e Gilz (além de Eric Hart, produtor) fizeram um curso de proteção em áreas de conflito, oferecido pelo exército inglês.

Agências internacionais de televisão: efeitos de proximidade

Como afirma Agnez (2012. p.2), os meios de comunicação "de maior porte", "quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, independente e autêntica", investem em profissionais próprios na realização de coberturas internacionais, para não depender exclusivamente de conteúdos fornecidos pelas agências internacionais. Porém, não se pode ignorar o fato de que a produção em larga escala das agências deu (e continua dando) viabilidade econômica ao noticiário internacional. Para o jornal ou revista assinante do serviço é a possibilidade de ter mais informações por um preço muito mais baixo do que se o material fosse produzido por um correspondente ou enviado especial custeado pelo próprio veículo. Por isso, "o correspondente ou o enviado especial passou a ser um diferencial" (NATALI, 2004, p.31). No caso dos telejornais, o noticiário internacional é alimentado, em grande parte, pelo mercado mundial de produção de imagens jornalísticas.

> A lógica que o orienta é a mesma que existe no funcionamento das agências de notícia que fornecem textos aos jornais e revistas que os assinam. As agências de imagens (como a *Visnews*, comprada em 1985 pela Reuters e que passou a se chamar Reuters Television) oferecem às emissoras um cardápio que eu dia "pasteurizado" em seus assuntos e enfoques. Não á reportagens destinadas exclusivamente ao telespectador senegalês, tcheco ou brasileiro (NATALI, 2004, p.47-48)

É a APTN (Associated Press Television News), o braço audiovisual da AP, quem rivaliza com a Reuters na distribuição de imagens para as emissoras de televisão no mundo inteiro (a Rede Globo é cliente das duas, segundo Esperidião, 2011b). Ambas se colocam como líderes no mercado. Em 2011, A APTN tinha 89 escritórios em 67 países, cerca de 550 clientes instalados em 113 países e alegava alimentar 88% do conteúdo emanado pelas

[13] Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/memoriaglobo/CDA/Pop/tvg_cmp_memoriaglobov2_pop_imprimir/0,46636,278857,00.html Acesso em: 16/05/2013

emissoras do mundo. Já a Reuters TV, em 2011, tinha 611 clientes em 108 países (ESPERIDIÃO, 2011a). Todo material distribuído pelas agências chega aos clientes como informes audiovisuais.

> É preciso ressaltar que os informes audiovisuais oferecidos às organizações midiáticas pela APTN e Reuters Television desprendem-se de formatos fechados, pois em geral não têm narração (voice-over ou off), sendo distribuídos pré-editados em vídeos com duração média de dois a três minutos. Eles resultam da articulação de um conjunto de enunciados autônomos e não necessariamente independentes (entrevistas, som ambiente, imagens em movimento, fotos, gráficos etc.). A cada unidade "bruta" de reportagem propagada para o cliente, é atribuído um script, um roteiro eletrônico, com todas as informações necessárias ao entendimento do conteúdo inserido na edição. Fornecidos em pacotes informativos batizados de feed (termo em inglês para o verbo "nutrir", "alimentar"), esses conteúdos solucionam a incapacidade estrutural das emissoras de estar presente nos lugares onde o fato ocorre (ESPERIDIÃO, 2011a, p.14).

Nas emissoras de televisão esses "informes" são transformados, dependendo da relevância do assunto, em notas cobertas[14] ou em reportagens, com narração[15] de um correspondente e *passagem*[16]. No caso dos telejornais da Rede Globo, fecha a matéria[17], normalmente, quem está mais próximo do acontecimento (geograficamente), como nesta situação.

> A insurgência popular no Egito foi destaque no *Jornal Nacional* em 25 de janeiro, quando milhares de egípcios foram às ruas protestar contra o regime de Hosni Mubarak, no poder desde 1981. Inspirados pelo movimento popular que derrubou o governo na Tunísia, os manifestantes se organizaram através da internet, mobilizando jovens para um dia de revolta. Nesse primeiro momento, Ari Peixoto acompanhou, de Jerusalém, os acontecimentos no país, utilizando as imagens das agências de notícias internacionais (MEMÓRIA GLOBO, *informação eletrônica*[18]).

O caso de uma reportagem assinada por um correspondente (Ari Peixoto) que está em Jerusalém sobre um assunto ocorrido no Egito nos ajuda a compreender estratégias

[14] "Texto lido pelo apresentador do telejornal em *off* . [...] As matérias internacionais, feitas com textos *off* e imagens geradas das agências, são notas cobertas" (PATERNOSTRO,2006, p.212).
[15] "A gravação do texto da matéria pelo apresentador ou pelo repórter" (Ibid., 2006, p.212)
[16] "Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento" (Ibid., 2006, p.213).
[17] No telejornalismo, via de regra, fechar a matéria é sinônimo de produzir o *off* (texto), em alguns casos com a orientação de um editor, gravar passagem e fazer a narração. Quando o material é produzido pelo próprio repórter e não por uma agência, a tarefa envolve, também, gravar sonoras (entrevistas).
[18] Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-279022,00.html Acesso em: 04/05/2012.

discursivas presentes nos textos jornalísticos. Neste caso, temos um peculiar uso das noções de proximidade como forma de agenciamento dos conteúdos disponíveis. De acordo com Fontcubierta e Borrat (2006), a proximidade é um dos fatores essenciais para que o jornalismo estabeleça conexões entre as pessoas e a sociedade em que se insere. Frequentemente reduzida à noção de "espaço geográfico comum", a ideia de proximidade assume diversas nuances num discurso podendo ser compreendida como uma estratégia discursiva com o intuito de gerar níveis de contato entre agentes e sujeitos nos conteúdos noticiosos. No caso específico do correspondente Ari Peixoto, que está em Jerusalém e assume a "voz" de um assunto ocorrido no Egito, reconhecemos que há o que Fontcubierta e Borrat chamam de uma estratégia de aproximação a partir de uma noção histórico-cultural. Percebe-se a preocupação da emissora em associar o assunto ao país que supostamente tem alguma "relação" mesmo que de forma indireta construída historicamente. Neste caso de Ari Peixoto, Egito e Israel integrariam uma certa história das tensões da geopolítica que envolve o Estado israelense, os países muçulmanos e o Oriente Médio. Ou seja, notamos a construção de uma estratégia discursiva que encena uma aproximação entre o fato ocorrido no Egito com o correspondente da Rede Globo localizado em Israel a partir de uma retranca histórico-cultural.

Há exemplos, no entanto, em que a hierarquização da lógica política suplanta a histórico-cultural. Uma reportagem sobre um assunto do Oriente Médio pode ser fechada em Nova Iorque se o governo americano tiver feito algum pronunciamento a respeito ou se o objetivo for mostrar como a notícia repercutiu na imprensa norte-americana. Neste caso, a estratégia de proximidade entre correspondente e fato se dá circunscrevendo uma lógica de pertencimento a uma geopolítica da fonte a ser destacada no conteúdo. Países como Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, em função de sua centralidade econômica nos eixos políticos da América e da Europa, acabam sendo epicentros de disseminação de repercussões de assuntos que ocorrem longe de seus territórios. O jornalismo internacional evoca, dessa forma, uma espécie de compreensão de uma geopolítica da informação que, inevitavelmente, cristaliza as falas em países hegemônicos e economicamente desenvolvidos.

Jornal Nacional e os fatos internacionais "a partir de uma perspectiva brasileira"

As notícias internacionais sempre foram importantes para o JN, quer sejam produzidas com imagens de agências de notícias ou por profissionais da Globo no exterior. Os correspondentes ou enviados especiais proporcionam ao telejornal, quando possível, material exclusivo e diferenciado. Nenhum correspondente é diretamente vinculado ao Jornal Nacional. O compromisso de cada um, segundo Bonner (2009), é com a Central Globo de Jornalismo – a que estão subordinados todos os telejornais e programas de jornalismo da Rede Globo. Os critérios alegados para definir o seleto grupo de "eleitos", que entram no Jornal Nacional, vão do carisma ao destaque profissional dentro ou fora da emissora. Para a maior parte dos repórteres que trabalham sob a égide da Globo, quer seja nas cabeças de rede[19] ou nas afiliadas, fazer matérias ou entradas ao vivo para Jornal Nacional, mesmo que eventualmente, é ter o seu trabalho reconhecido e respeitado, motivo de consagração entre seus pares. Carlos Henrique Schroder[20] (apud BONNER, 2009) explica que é preciso o profissional estar credenciado para um voo dos mais altos.

> Para chegar aos telejornais de rede, o procedimento é o mesmo tanto nas emissoras Globo quanto nas afiliadas. A primeira etapa é se destacar nos telejornais locais. É o passo inicial de qualquer profissional. Com base na qualidade de texto, no dinamismo e na inquietação que deve apresentar e na visibilidade que adquire, o repórter se credencia para participar da rede. Na verdade, o próprio repórter é quem abre espaço ao seu trabalho. Normalmente, começa com reportagens no Bom Dia Brasil, Jornal Hoje ou Jornal da Globo. E pode alçar voos maiores, como fazer um Globo Repórter inteiro ou se tornar correspondente internacional (SCHRODER apud BONNER, 2009, p.46).

Um olhar empírico sobre as afirmações de Schroder permite a interpretação de que ser correspondente da Rede Globo é um "prêmio" pelos serviços prestados à emissora. O posto, via de regra, é temporário (embora não haja no material publicado pela emissora nenhuma regra acerca dessa questão) e tende a ser preenchido por profissionais que se destacam no Rio, em São Paulo ou em Brasília, como foi dito no início deste artigo (essa afirmação é resultado da observação ao longo dos anos e da leitura dos registros do Memória Globo). Qualquer telespectador mais atento constatará isso sem grande esforço, bastando, para isso, lembrar de onde partiram Hélter Duarte (Rio de Janeiro), Alan

[19] Cabeças de rede são as cinco emissoras que pertencem à TV Globo e transmitem para as afiliadas os seus sinais terrestres. São elas as TVs Globo do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte, de Brasília e do Recife (BONNER, 2009, p.33).

[20] Ex-diretor-geral de Jornalismo e Esportes da Rede Globo e atual diretor geral da emissora. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2012/09/carlos-henrique-schroder-assumira-direcao-geral-da-tv-globo-em-2013.html Acesso em: 05/07/2013

Severiano (São Paulo) e Marcos Losekann (Brasília), apenas para citar alguns nomes do atual *staff* da emissora no exterior. Os repórteres não escolhem ser correspondentes internacionais. Pelo contrário, são escolhidos. Enquanto este trabalho é escrito, a emissora mantém profissionais em Buenos Aires, Washington, Nova Iorque, Londres, Paris, Roma, Lisboa, Jerusalém e Tóquio.

Quando o Jornal Nacional foi ao ar em 1969, o intuito era "competir" com o Repórter Esso da TV Tupi[21] e, desde sua gênese, o JN utilizou do noticiário internacional como elemento diferenciador da "concorrência". Já na primeira edição, no dia 1º de setembro, com os apresentadores Hilton Gomes e Cid Moreira, o noticiário internacional esteve presente.

> "O noticiário internacional registrava as mortes do campeão de pesos-pesados Rocky Marciano e do comentarista norte-americano Drew Pearson, conhecido no Brasil pela coluna que assinava na revista *O Cruzeiro*. Na Líbia, um golpe militar derrubou o príncipe Hassan Al Rida. Imagens da agência Visnews mostravam a chegada ao Paquistão de uma caravana de chineses, montados em camelos, comemorando a reabertura da Rota da Seda, fechada desde 1949. No Japão, moças de mais de 50 países se preparavam para disputar o título de Miss Beleza Internacional. Pilotos de Linhas aéreas ameaçavam greve geral se a ONU não tomasse medidas efetivas em relação ao sequestro de um avião norte-americano" (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.24-25).

Contar com correspondentes, como já afirmamos, é sinônimo de prestígio para a TV. No caso do Jornal Nacional, este prestígio se deu desde sua origem. Ao longo dos anos, em muitas ocasiões, o JN conseguiu "chegar à frente" de emissoras internacionais como a BBC e a CNN, conforme relatado no inventário produzido pelo Memória Globo, no livro "Jornal Nacional: a Notícia Faz História" (2004). A análise desse material revela uma marca clara da cobertura internacional do JN: apresentar os fatos e acontecimentos a partir de uma "perspectiva brasileira" – como atesta William Bonner. O telejornal se apoia nessa perspectiva, mas Esperidião (2007) situa esse ponto de vista dentro de um contexto mais amplo.

> A necessidade de ter uma equipe de repórteres fora do Brasil não é um discurso meramente corporativo. Todos os profissionais que já deixaram suas experiências registradas em livros, como Hermano Henning, Pedro Bial, Silio Boccanera, Carlos Dorneles, João Batista Natali, Lucas Mendes,

[21] Para se tornar um telejornal nacional, a Globo aproveitou a estrutura técnica disponível (por meio de um sistema de microondas) a partir da criação da Embratel (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

> José Arbex Jr., Leão Serva e William Waack reforçam a necessidade de oferecer uma perspectiva brasileira ao pensamento hegemônico (ESPERIDIÃO, 2007, p.4).

Ouvir brasileiros como testemunhas e explorar entradas ao vivo de repórteres, com as tecnologias disponíveis em cada época, são outra marca da cobertura internacional do telejornal.

> Se a nossa preocupação, na Rede Globo, é a de mostrar a sua região com profissionais da sua região, nós queremos mostrar o mundo aos brasileiros com olhos de brasileiros. E é o que o Jornal Nacional tem feito em todos os maiores acontecimentos internacionais (BONNER, 2009, p.38).

Observamos, nesta fala de William Bonner, que ele considera narrar fatos jornalísticos ocorridos no exterior "a partir de uma perspectiva brasileira" fazendo uma analogia com as lógicas regionais de inserção na rede. Bonner afirma textualmente que a ideia presente no Jornal Nacional é de "mostrar a sua região com profissionais da sua região", ou seja, utilizar "vozes" de repórteres do Nordeste em assuntos que ocorrem no Nordeste, por exemplo. No âmbito internacional, mostrar acontecimentos internacionais através da "voz" de um jornalista brasileiro também estaria na pauta do Jornal Nacional. Ou seja, podemos interpretar que o que William Bonner chama de "perspectiva brasileira" na cobertura internacional diz respeito, fundamentalmente, à presença de um repórter num determinado local fora do contexto brasileiro – seja este local o próprio em que estaria ocorrendo o tal fato ou adotando perspectivas de aproximações histórico-culturais ou diante das lógicas das fontes hegemônicas de repercussão de conteúdos. A noção de presença (FECHINE, 2008) do jornalista passa a ser um estatuto de legitimidade em torno dos conteúdos, inclusive, apresentados com usos de materiais de agências de notícia internacional. A presença seria, portanto, um dispositivo sensível que acionaria uma carga de produção de sentido para determinados conteúdos a partir da legitimação de um corpo que se apresenta próximo a um fato.

A ideia (que persiste até hoje) do departamento de Jornalismo da Rede Globo é a de que a presença de correspondentes brasileiros nos locais dos fatos conferiria mais veracidade aos relatos do que apenas o uso de material das agências internacionais, uma vez que esses profissionais "tinham uma visão brasileira" e aproximariam as notícias do público do Jornal Nacional. Esta ideia de "aproximação" do público no discurso da emissora evoca o que Yvana Fechine chama de "efeito de co-presença", ou seja, o reconhecimento no

estatuto enunciativo de uma alteridade que se constrói no momento em que o conteúdo está "no ar".

Considerações finais

Duas questões parecem centrais para debater a cobertura internacional do Jornal Nacional: a ampliação da ideia de proximidade do correspondente internacional ao fato (nem sempre o jornalista está no local em que determinado fato está ocorrendo, mas sim, em algum contexto que estabelece relações com aquilo sobre o que ele se reporta) e à noção de presença como determinante na semantização dos conteúdos difundidos. Na fala de William Bonner, esta noção de presença se traduz naquilo que ele chama de apresentação dos fatos internacionais "a partir de uma perspectiva brasileira".

Embora boa parte do noticiário internacional seja produzido com imagens e informações de agências de notícias, o JN se ancora na figura do correspondente como "tradutor" de referências e no ouvir, na medida do possível, brasileiros envolvidos com os fatos, como uma forma de se credenciar como uma fonte não apenas confiável, mas como àquela que está presente (mesmo quando os repórteres assinam as matérias de algum lugar próximo ou que pode ser associado ao fato, como mencionado no item sobre as agências de imagem para televisão) nos principais acontecimentos do mundo.

Referências

AGNEZ, Luciane Fassarella. **A Profissão de Correspondente Internacional**: Entre Ameaças e Oportunidades. In: Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba, 2012.

AZENHA, Luiz Carlos. **A Globo Consegue o que a Ditadura não Conseguiu**: Calar a Imprensa Alternativa. Disponível em: http://www.viomundo.com.br/denuncias/globo-consegue-o-que-a-ditadura-nao-conseguiu-extincao-da-imprensa-alternativa.html Acesso em: 30 de março de 2013.

BONNER, Wiliam. **Jornal Nacional: Modo de Fazer.** São Paulo: Editora Globo, 2009.

BRITTO, Denise Fernandes. **O Papel do Correspondente Internacional na Editoria Exterior.** In: Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). PortoAlegre, 2004.

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane Silva. **A Era do kit-correspondente:** Tendências da Cobertura Internacional no Telejornalismo Brasileiro. Estudos de Jornalismo & Relações Públicas, ano 5, n. 10, p. 81-93, 2007.

_____. G**igantes Invisíveis no telejornalismo Mundial:** Agências Internacionais de Notícias e o Ecossistema Noticioso Global. Brazilian Journalism Research, vol. 7, n.1, p.106-129, 2011a.

_____. **Gigantes do Telejornalismo Mundial**: Mutações Editoriais e Tecnológicas das Agências Internacionais de Notícias. Tese (Doutorado em Comunicação Social), 2011b, Universidade Metodista de São Paulo.

FECHINE, Yvana. **Televisão e Presença.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FONTCUBIERTA, M. E BORRAT,H. **Periódicos: Sistemas Complejos, Narradores en Interacción.** Buenos Aires: La Crujia Ediciones, 2006.

GUMBRECHT, H.U. **Production of Presence.** Stanford: Stanford University Press, 2004.

HAMILTON, J. Maxwell e JENNER, Eric. **Redefining Foreign Correspondence.** The Joan Shorestein Center on the Press, Politcs and Public Policy, Louisiana State University, Working Paper Series, 2002. Disponível em: http://shorensteincenter.org/wp-content/uploads/2012/03/2003_02_hamilton_jenner.pdf Acesso em: 20 de abril de 2013.

Journalist Security Guide: Committee to Protect Journalists. Disponível em: https://cpj.org/reports/2012/04/journalist-security-guide.php Acesso em: 30/03/2013

Journalism Safety Guide: BBC. Disponível em: http://downloads.bbc.co.uk/mundo/pdf/safety-journalism_safety_guide_second_edition-v1.pdf Acesso em: 01/05/2013

LEAL, Bruno Souza. As Estéticas do Jornalismo em Transformação: Perspectivas de Pesquisa em Comunicação. In: SILVA, Gislene; KÜNSCH, Dimas A.; BERGER, Christa e ALBUQUERQUE, Afonso. **Jornalismo Contemporâneo: Figurações, Impasses e Perspectivas.** Livro Compós 2011. Salvador/Brasília: Edufba/Compós, 2011.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: A Notícia Faz História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

MEMÓRIA RODA VIVA. **Peter Arnett**: entrevista. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/439/entrevistados/peter_arnett_1994.htm. Acesso em 1 de maio de 2013.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV**: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional.** São Paulo: Contexto, 2011.